

O COLETIVO “MODA E DECOLONIALIDADE: ENCRUZILHADAS DO SUL GLOBAL”

SANTOS, Heloisa Helena de Oliveira; Doutora;
IFRJ; heloisa.oliveira@ifrj.edu.br;

ROSA JR., João Dalla; Doutor;
SENAI CETIQT / FACULDADE CESGRANRIO; joaodjr@gmail.com;

CASARIN, Carolina; Doutora;
UFRJ; c.casarinfh@gmail.com;

COSTA, Carla; Mestre;
UNIRIO; cah.costa84@gmail.com;

MEDRADO, Michelle; Mestre;
UCLA; mimedrado@ucla.edu;

GP Direitos Humanos, Cultura e Identidade¹

RESUMO

O coletivo Moda e Decolonialidade: Encruzilhadas do Sul Global está associado ao Grupo de Pesquisa Direitos Humanos, Cultura e Identidade – DiHCI (Cnpq), linha de pesquisa Raça, Gênero e Opressão. Composto por pesquisadores interdisciplinares e em instituições no Brasil e nos Estados Unidos, tem como proposta elaborar análises, por meio de leituras de autores pós-coloniais e decoloniais, cuja chave conceitual examina de maneira crítica e analítica os modos que a Moda tem sido tradicionalmente abordada no Brasil. A abordagem sobre a moda tem sido alvo de análise teórica no Brasil desde o século passado e têm se debruçado sobre as diversas relações com o vestuário a partir de alguns grupos conceituais específicos que, avaliamos, tem

¹ Coletivo e Pesquisa vinculados ao Grupo Direitos Humanos, Cultura e Identidade (IFRJ/CPNq). Link para o espelho do Grupo de Pesquisa: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelho/grupo/351133>

se repetido frequentemente desde então. Composto por pesquisadores interdisciplinares, o coletivo tem por finalidade realizar o que Aníbal Quijano denomina giro decolonial para as análises sobre moda e figurino, ou seja, uma mudança de perspectiva que, ao se posicionar como ex-colônia e no Eixo Sul, avalia as diversas relações com o vestuário a partir de uma perspectiva que insere a moda europeia, como maneira de se relacionar com o vestuário nas sociedades brancas eurocentradas, dentro de um conjunto de fluxos nos quais ela deixa de ser um centro difusor e se torna parte de um conjunto de redes em que a mesma se encontra horizontalmente posicionada num diálogo com outros modos de se relacionar com o vestuário.

Entendemos que o esquema conceitual que tradicionalmente tem sido utilizado para analisar a moda utiliza um conjunto epistêmico que se baseia em questões, metodologias e conceitos cujas bases se encontram em uma matriz de pensamento eurocentrado. Considerando a crítica proposta por autores pós-coloniais, como Frantz Fanon e Edward Saïd, e àquelas trazidas por feministas negras como Patricia Hill Collins e bell hooks, entendemos que é necessário questionar o próprio olhar colonial sobre as sociedades e populações analisadas e assumir a escrita sobre nós mesmos a partir de noções outras. A partir da matriz de reflexão decolonial, especialmente do grupo modernidade/colonialidade, entendemos ainda que é fundamental girar nosso olhar e produzir um saber local que, refundando epistemes, se analisa a partir das questões, metodologias e conceitos que se baseiam em nossa experiência como ex-colônia.

Essa refundação conceitual se pauta firmemente na noção de experiência. Contudo, a percepção sobre a experiência aqui posta não é aquela de uma empiria racionalista e com um distanciamento acadêmico como proposta pelo pensamento europeu. Aqui, como propõe ainda Grada Kilomba, trata-se da experiência como valorização e valoração dos modos de vida locais. Trata-se, enfim, de uma recusa aos padrões de universalismo, neutralidade e objetividade da ciência europeia e branca: dos mitos acadêmicos, como bem coloca ainda Kilomba.

Essa relação entre a experiência e a produção do conhecimento se destaca no grupo devido à trajetória dos seus integrantes. Embora as formações sejam distintas, os pesquisadores possuem a educação como área de atuação e a necessidade desse giro se justifica pela preocupação com a construção de outras formas de pensar. Como professores, o compromisso do grupo com o deslocamento do saber funde os aspectos teóricos e as práticas profissionais, demarcando uma investigação constante das experiências materiais e subjetivas, do imaginário e das relações sociais.

Na dimensão do giro decolonial como prática metodológica e com objetivo de problematizar a tríade material (figurino, roupa e moda), problematizamos as relações culturais e econômicas entre países do Eixo Sul por meio das indústrias de mídia e moda. São reflexões acerca do processo de campo multi-situado cujo objetivo é examinar analiticamente o sistema de produção e circulação cultural do figurino e seus regimes de valores ao transversalizar mercados e hierarquias entre profissionais da moda no diálogo Sul-Sul. Aplicamos também as críticas pós-coloniais e decoloniais para pensar a criação do vestuário cênico no que diz respeito às narrativas do personagem no Teatro Brasileiro. Para abordagem e a construção de um pensamento decolonial acerca desse tema, usamos ainda conceitos como identidade, cultura e deslocamento a partir de intelectuais afrodiáspóricos como Stuart Hall, sobretudo problematizando as narrativas de subalternização das populações não brancas e os trajes criados a partir dessas narrativas e avaliando novas possibilidades do vestuário cênico para os mesmos.

Os temas que se referem às visualidades promovem ainda um debate sobre os fluxos de imagens e a formação dos imaginários em contextos antes colonizados, bem como sobre os modos de ver e os regimes escópicos, transversalizando temas pertinentes à educação, às artes, ao design e à moda. De maneira ampla, as possíveis epistemes para as reflexões que tematizam a moda e que podem ser produzidas a partir de uma análise crítica que se fundamenta nas teorias acima mencionadas é de central interesse para nós. Assim, as abordagens eurocêntricas tradicionalmente utilizadas são criticadas

e traz-se a possibilidade de se pensar a moda e o figurino brasileiros e do Eixo Sul utilizando conceitos que se fundamentam nas relações que se estabelecem nestes locais, ou seja, produzidos aqui a partir das análises destes contextos. Desta maneira, a proposta desta comunicação é apresentar o coletivo Moda e Decolonialidade e lançar as bases para a construção desta crítica a este modo de pensar a moda, direcionando nossa proposta para a fundação desta episteme para o campo de análise sobre a moda que proponha novas perguntas, métodos e abordagens que, dentre outros, questiona mesmo a própria noção de moda como conceito para se refletir sobre a produção de vestuário em contextos antes coloniais.

Palavras-chave: moda; decolonialidade; sul-sul.